Piauhy — Therezina — Julho — de 1911

Anno 1 | Num. 1

A LETRA

Orgam do Gremio Literario

EUCLIDES da CUNHA

Redacção

RUA BARROSO N. 17

THEREZINA

Typographia Paz

1911

Primeira directoria eleita:

Presidente
José Messias Cavalcante
Vice-presidente
Pedro Rodrigues da Cunha
1.º Secretario
José Teixeira Filho
2.º Secretario
Amandino Ferreira de Carvalho
Thesoureiro
Affonso de Moura Cunha

Segunda directoria eleita:

Presidente
Manoel Botelho
Vice-Presidente
Affonso Cunha
1.º Secretario
Leopoldo Cunha
2.º Secretario
P. de Moura Ferro
Thesoureiro
Constantino Baptista
Orador
João M. Oliveira Roma

Anno I — Piauhy, Therezina Junho—1911 — Num. 1

Instituto Histórico do Piauhy
434
4-8-77

A LETRA

Orgam do Gremio Literario
"EUCLIDES DA CUNHA"

Redacção—Rua Barroso n. 17

"A LETRA"

E' este o nome que escolhemos para a revista, orgam do Gremio Literario «Euclides da Cunha», que installámos a 16 de Abril deste anno.

O nosso desejo era dar-lhe publicidade, logo que elle fosse inaugurado, mas, por motivo justo, não o fizemos, deixando para quando nos fosse possivel.

Eis a razão porque só hoje é que circula.

E' muito difficil em nosso meio constituir-se uma sociedade literaria, e, cremos, mais difficil nos é ainda encaminhar os seus actos para o seu unico fim, tendo como guia e bôa direcção os seus *estatutos*.

A causa, por que nós tentamos ver o desenvolvimento geral desta sociedade, tem dois fins—illustrar nesse labôr patriotico as nossas intelligencias de moços, preparando, portanto, solidos alicerces para o futuro monumento que essa mocidade ha de erguer, quando representar, talvez, aqui ou ali, a sua terra; e—porque é um caso de lamento vêr a nossa capital, como tambem todo o Piauhy, sem uma sociedade literaria que mostre aos demais Estados da União Brasileira, que tambem no Piauhy se cultiva alguma cousa de literatura, nosso sublime ideal, verdadeira escola de uma geração.

Procuraremos sempre, quanto nos fôr possivel, dar impulso nessa escada literaria, onde já possuimos alguns degráus, e pretendemos collocar outros, até chegarmos onde o estudo e nossa intelligencia poderem attingir. O nosso ardente desejo é que se realize a nossa esperança, fundada no progresso desta sociedade que, ha dois

13-C

mêses, installámos; porem, si ella cahir e se extinguir por infelicidade nossa, esse facto não será motivado por falta de esforço de nossa parte, e, sim, porque o meio não auxilia aos empreendedores dessa acção grandiosa, desse acto de patriotismo, a cuja frente se colloca a mocidade, todo o futuro de um País. Scientes, caros companheiros, de que todo o esforço partirá de nossa parte, como fundadores dessa recente sociedade, devemos trabalhar e romper sempre e sempre todas as difficuldades e perigos que encontrarmos nessa estrada da literatura pouco trilhada por nós, na qual, talvez, só encontramos agora espinhos e accidentes, mas no futuro, si Deus nos permittir, ella se ornará de flores e fructos, por onde transitaremos alegres e fortes para receber o premio—unico ideial do esforço humano.

Devemos sempre ter em vista a phrase do sabio Corneille —*á vaincre sans péril on triomple sans glorie,*—vencer sem perigo é triumphar sem gloria. A causa porque nos batemos é sublime e bella, contanto que tenhamos sempre em vista o estudo de toda parte tocante á nossa lingua.

Do proximo numero da revista em diante, abriremos uma secção literaria, que constará de qualquer ponto da lexicologia portuguêsa, ou estudo de syntaxe.

Pedimos, interessadamente, a todos os socios duas cousas principaes—actividade e constancia.

Discurso pronunciado, no dia da inauguração do Gremio Literario "Euclides da Cunha," peio presidente, José Messias Cavalcanti.

Meus Senhores:

Como sabeis, hoje é o dia da installação dessa sociedade litteraria, denominada «Euclides da Cunha», pela qual ha muito tempo trabalhavamos, afim de realizar os nossos bellos ideiaes.

Similhante empreza não deviamos confiar aos velhos homens de hoje, porque o futuro e brilhantismo de nossa terra estão entregues ás mãos da mocidade hodierna, de cujo meio

Roseo

Roseo é a côr das madrugadas claras...
E de roseo se tinge, á tarde, o poente,
Quando o dourado sol—brilho de tiáras
Tomba, ferindo o coracão da gente...

Os jardins das princezas são rosados
Nestas manhãs de flores luminosas,
Flores plangentes de ermos constellados,
Onde habitam as noivas mysteriosas...

Almas pulchras de timidas creanças
São luminosos, fulgidos coraes,
Accesos para sonhos e esperanças...

E o teu vestido, ó Flôr triste e harmoniosa,
Que tens a voz dos limpidos christaes,
E' tambem luminoso, é côr de rosa!

Aftonso Cunha.

---

sahirão homens fortes e firmes, que serão os velhos e representantes de amanhã.

Temos gravados em um quadro, ornando esta pequena e humilde sala, os retratos de dois homens insignes — Rio Branco e Joaquim Nabuco, cujos nomes occupam brilhantemente paginas de nossa gloriosa historia, começando elles a sua vida no estudo da nossa lingua e das leis que regem o nosso país.

O primeiro ainda hoje nos honra e eleva o nome desse vasto, heroico e opulento pedaço de terra que se chama Brasil, a sua estremecida Patria, esse gigante progressivo que dorme no hemispherio antartico, debaixo da zona torrida, na parte mais oriental da America do Sul, cujas costas são

saudadas e beijadas constantemente pelas ondas bravias e revôltas do Oceano Atlantico.

O segundo, eminente jurisconsulto, tribuno e literato, representava com todo o brilhantismo o nosso país junto ao governo dos Estados Unidos da America do Norte, fallecendo em Washington a 17 de Janeiro de 1910.

A creação desta nova sociedade no Piauhy é muito util á mocidade, porque, modelando-nos pelos bons mestres da lingua, certamente obteremos o que almejamos,—o cultivo de nossa intelligencia.

Deixemos esse indifferentismo em que vivemos, entreguemo-nos a tudo que nos pode encaminhar na vida literaria, passemos a mão prodigiosa do presente sobre esse passado sem futuro e tenhamos sempre como lemma—ordem, actividade e constancia, para que discortinemos novos horisontes, respiremos outro ar mais livre e divizemos outro sol mais bello que é a sciencia.

Sciencia!—estrella brilhante do céo das intelligencias, luz destruidôra das trevas da ignorancia, guia dos navegantes no mar da incerteza, conduze-nos ao teu seio de mãi e de felicidades, para que elevemos, quanto nos fôr possivel, o nome desse futuroso e opulento Brasil ás alturas a que elle se destina dentre as nações mais adeantadas do globo.

Tenho dito.

COMEÇANDO...

Sentindo nos musculos a força da vontade, no espirito a seiva do futurô, no coração o amor acrizolado ao estudo e bebendo na taça feita das pajinas do livro o suco da instrução, eis-nos nas colunas desta modesta revista procurando, a muito custo, a luz sublime que nos ilustrará o espirito, sofrendo, como o barco, consfantes afrontas da onda da gnorancia.

Têm sido debalde quazi todas as tentativas empreendidas pela nossa mocidade nessa empreza trabalhoza do alevantamento do nivel moral e intelectual de nossa terra, devido principalmente á má vontade que encontra na massa popular, onde os espiritos vivem sempre em lutas contra os protogonistas de obras grandiozas.

Um jornalzinho que surjia era para nós uma luz promissora de um farol a guiar o frajil barco que tripulamos no mar indomavel das

Vencido

Altivo, soberano, orgulhoso, ostentando
A minha fidalguia, a minha omnipotencia,
Supportara da vida a rispida inclemencia,
Fluindo gosos mil, as dores ignorando.

Tivera aos labios sempre um sorriso brilhando
Sorriso casto, puro e terno da innocencia;
Jamais apresentara a minima apparencia
Do quem sente no peito o coração chorando.

Indomito, vaidoso, invencivel, audaz
Cavalheiro feliz, sem me furtar jamais
A' lucta perigosa, ao combate renhido

Mas tudo se modou, os tempos se mudaram.
Eu te vi, tu me viste, olhares se trocaram.
De então me submetti ao teu olhar vencido.

Maio, 911.

Oliveira Roma.

paixões, porém era relegado logo e obrigado a apagar o seu brilho.

Isso dezanimava-nos constanmette, a ponto de nos fazer recuar diante de toda e qualquer tentativa.

Para procurar o ideal que almejamos, sem maiores contrariedades, fundámos um gremio literario do qual é orgam o pequeno folheto que o leitor tem á mão.

A linguajem escripta é a mais dificil, porém é a que nos deixa marjem para emitirmos algum conceito e a que mostra, sob luz melhor, as conquistas do espirito; assim, não satisfazendo adquirirmos somente a pratica da tribuna que procuramos em sessões semanaes na séde da nossa sociedade, viemos expressar as nossas ideas aqui, sobre as quais o leitor poderá fazer milhor juizo e avaliar o que poderemos fazer amanhã, se nos prestar o seu valiozo concurso.

Não é tarde, porém não é cedo para começarmos a nossa missão

porque é a esta geração de hoje que será entregue amanhã a direção de todas as conquitas do cerebro humano, e, em nosso cazo particular, será a nós que estará, mais tarde, confiada a reprezentação da cultura nacional perante o universo.

Em todos os outros estados do Brazil se nota o mesmo movimento na mocidade em pról do brilho das letras em nosso paiz, e com mais felicidade do que nós.

Já se foi o tempo em que os pais privavam os filhos de irem ás escolas e de terem o livro como uma couza necessaria; hoje não só os pais como a propria mocidade fazem questão viva do irem á escola—verdadeiro ninho do bem, do respeito e do amor, e de se armarem com o livro como escudo, defendendo-se da seta do analfabetismo atirada pelo arco da ignorancia.

Todos nós procuramos a instrução como forte couraça, ao abrigo da qual possamos combater em campo livre em pról da liberdade e do bom nome do Brazil.

As sociedades literarias são como forjas delicadas que dão ao nosso cerebro de moços, saturado de intelijencia e semilhante á cera, todas as formas possiveis.

A vontade de trabalharmos é tão grande que, enfrentando todos os sacrificios e diante dos exemplos pouco convidativos que têm sucedidos a nós mesmos, não exitámos em levar a cabo, de novo, a nossa empreza. Quando tomámos novamente o nosso posto, que algumas vezes tinhamos abandonado, traziamos, como sempre, uma esperança de que os homens sensatos que vizam o bem estar da patria e o bom nome da familia brazileira, nos coadjuvariam desta vez.

Trabalhemos, portanto, que sem trabalho nada conseguiremos, pois a honra e a gloria rezidem nelle.

P. R. da Cunha.

O MANOEL

Quando terminava o crepusculo vespertino, sahi de casa a passos macilentos, sem ter um ponto onde encontrasse um divertimento para acariciar a minha vida tristonha.

O céo estava banhado de uma nuvem de côr vermelhae purpurina, côr bellissima dos arrebóes.

Dirigi-me para o porto, para ver si, com a corrente fluvial, que banhava esta cidade, coroada de matizes, passava algumas horas em completo socego. Lá, quando estava sentado em uma das bancadas que possuia o porto principal da cidade, assomou ao longo da volta, que faz o famoso e poetico rio, um bello barco, parecendo vir de paragens longinquas.

O vapor trazia um pobre orphão de pae, o qual daqui partira a procura de uma migalha que minorasse a fome de Magdalena sua mãi, ideial do seu pensamento.

O pae deste orphão morrera antes do seu nascimento, pelo que sua mãi lhe déra o nome de seu pai, que se chamava Manoel.

Manoel era infeliz demais, por que não gosou das caricias de seu pai, que tanto o amava e tanto desejava ver elle nascer para banhar-lhe a fronte com uma chuva de beijos, brotados de um coração de pai extremoso. Finalmente, o pai de Manoel desejava ter um filho, porque não considerava maior furtuna do que ter o nome de pai.

Manoel já nasceu debaixo de uma cruel miseria. Sua pobre mãi não possuia um vintem, ao menos, que facilitasse a passagem dos poucos dias que devia permanecer no leito, quando esse seu companheiro de desgraça (assim dizia ella) nascesse.

Deus, omnipotente e caridoso mandou, para lhe ajudar nesse cruel tormento, este filho que a acompanharia com as suas sempre grandes necessidades até á morte, o descanço eterno dos desgraçados.

Magdalena vivia magra de engomar e de fazer rendas para vender e obter um vintem para comprar uma migalha que lhe minorasse a insaciavel fome. Pensava ella: Como passar no leito, durante os primeiros dias do nascimento desse filho? Não posso trabalhar, o que faço então? Ah! pesso ao velho Joaquim para me esprestar uns dois mil reis para que melhor passe os dias que estiver na cama.

Tambem pensava ella: Depois disso, como posso pagar ao "seu" Joaquim, si não tenho nem, ao menos, um traste que possa ser vendido.

Ah! tenho esse annel de alliança, dou-lhe porque a necessidade me obriga. Mas, como o velho não era uzurario, deu-lhe os dois mil reis e disse-lhe: Paga, filha, quando poderes e bem entenderes, leva o teu annel para ter sempre uma lembrança do teu chorado esposo; porem ella agradeceu muito penhorada. Finalmente, Magdalena teve a creança do sexo masculino, aquem deu o nome de Manoel, pelo motivo já narrado em um periodo anterior. Vevia Magdalena somente para esse filho, que no futuro seria o seu protector.

* * *

Manoel já attingia a idade de quatorze ou quinze annos, quando um dia se lembrou de retirar-se dessa terra que lhe deu o berço, mas que lhe fôra sempre ingrata, para outra onde a sorte melhorasse.

A viagem apressou-se porque Manoel não podia continuar em assistir sua mãi soffrer as crueis necessidades da vida. Numa manhã de maio seguiu Manoel, sem destino, pelo mundo, em procura

da vida. A partida foi a scena mais commovente que podia ser assistida por fragil creatura humana. Por menos sensivel que fosse o coração da pessôa que assistisse aquella scena, sempre sentia brotar nas suas fibras a dor da commoção e a dor da piedade. Depois da sahida de Manoel, sua mãi passava horas e quasi dias inteiros derigindo preces a Deus, para que seu filho fosse feliz na empreza que tentou fazer.

Emquanto a mãi de Manoel dirigia essas preces, elle pensava nella debaixo de um pranto inconsolavel.

* * *

Passaram-se annos e muitos longos annos. A sua mãi já estava velha e ainda não tinha tido a noticia si Manoel estava vivo ou morto.

Resignada estava a pobre mãi, porque, si Deus não lhe desse essa encantadora palavra—esperança, estaria louca, completamente louca.

Magdalena costumava ir todas as tardes pescar á beira do rio que banhava a mimosa cidade em que morava. Um dia, quando pescava, ouviu o apito estridente de um batel que appareceu ao longo da volta que fazia o rio. Estremeceu, sentiu um frenesi, cousa que nunca sentira quando apitava um vapor. Magdalena estava tão acostumada com apito de vapores que ficou pensativa, sem saber que commoção era aquella que se apoderava de si. Quando estava pensando para ver si podia explicar o caso, nesse momento abordou o barco.

Logo depois, Magdalena viu sahirem os passageiros e entrarem os curiosos. De repente, no meio dessa multidão, viu um rapaz, elegantemente vestido, que parecia com o seu filho Manoel.

Approximou-se para vêl-o de perto, quando, nesse momento, o rapaz que era o proprio Manoel a reconheceu. Abraçaram-se, beijaram-se e, finalmente, Magdalena cahiu desfallecida nos braços do seu filho. Manoel olhou bem para a sua mãi e viu que ella não estava desfallecida e sim morta pela grande alegria que lhe paralizou a circulação do coração. Exclamou, quasi louco: Morreu minha mãi! Que quero mais nesse mundo, si ella era toda a minha vida?

Suicidou-se.

K. Ipira.

Em 14—6—911.

A Directoria

De accordo com o artigo V, cap. II dos Estatutos onde diz que o tempo do mandato da Directoria dura somente tres meses, sua Excia. o Snr. Presidente do Gremio Literario «Euclydes da Cunha,» effectuou, no dia 6 do corrente, ás 6 horas da tarde, a

primeira eleição para presidente e vice-presidente do mesmo Gremio. A ella compareceram quasi todos os socios, sendo eleitos por unanimidade de votos os Snrs. Manoel Artonio Botelho—Presidente e Affonso Cunha—Vice-Presidente, escolhendo estes, de conformidade com o Regulamento, os seus auxiliares.

Tomaram posse a 16 deste.

—Obedecia o Gremio, a direcção dos Snrs. José Messias Carvalcanti—Presidente, Pedro Rodrigues da Cunha—Vice-Presidente, tendo como auxiliares: José Teixeira Filho—1.º Secretario, Amandino de Carvalho. 2.º Secretario e Affonso Cunha—Thesoureiro.

Cumpre-nos acressentar, porém, que quando se fundou este Gremio, exercia o logar de 1.º Secretario, o socio fundador José Soares, deixando-o por justos motivos, preenchando a vaga o secretario actual; e a Directoria resolveu escolher o Snr. Amandino Carvalha para substituir este ultimo Cargo.

—Exerceu interinamente o carGo de thesoureiro o socio João Martins durante a aus1ncia, para Caxias do effectivo Affonso Cunha, que reassumiu o exercicio a 6.

ELIMINAÇÃO

Entre os socios do Gremio Literario «Euclides da Cunha» achava-se o Snr. Josè Coriolano de Carvalho e Silva que, pela falta de solidariedade com os seus colegas, foi por unanimidade eliminado. Acha-se em nosso poder uma petição do mesmo senhor, exijindo a sua excluzão, antes do que já o haviamos feito.

Embarque

Com destino a S. Salvador embarcou, no vapor de 7, o nosso intelijente colega e socio do Gremio Literario, o Snr. Sebastião Clementino que naquella cidade pretende fazer exame de admissão, em março proximo. Que atinja a culminancia dos seus ideais, é o que almejamos.

DE PARTIDA

Collegas, eu de vós levo saudade,
Tão infinda saudade que tortura
O coração de toda humanidade
Deixando-a n'um mar de desventura.

Tudo nesta hora de tristeza horrivel
Vem a me despertar grande desgosto,
E nada vejo assim tão impossivel,
Como enxugar-me as lagrimas do rosto.

E' tudo para mim contrariedade,
Para mim tudo foi-se nesse instante,
Nesse momento infindo de saudade.

Nada, porem, me causa maior dor,
Como deixar agora tão distante
Minha querida e santa Leonor.

Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves.

Th.-11-7-11.

Vida e viagem de um desconhecido

Pelo que me conhece, todos vós, caros leitores, desconheceis a minha vida e a minha nacionalidade.

Sou arabe, filho de Medina, onde deixei os meus paes que me julgam um caso perdido, solto bem longe ás tempestades e labôres da vida, em terra estranha, largado ao mundo como vil pó levado ás alturas illimitadas pelo vento altaneiro.

Com meus paes deixei tambem a bella Medina, cuja lembrança trago gravada em meu coração, como recordação perpetua durante a minha vida ausente dos que mais me são caros. Tudo o que eu espe-

rava, quanto á minha vida futura em meu païs, tudo se transformou em mera illusão, pois a necessidade me trouxe para bem longe, longe daquella terra por que dava tudo, matando em meus labios o sorriso da minha infancia.

Quando eu contava a flôr da idade (15 annos), em cujo tempo eu sentia o sol dos meus sonhos despontar no horisonte da minha vida, a sorte me separou dos meus, abondonando eu o céo sereno e azul da minha terra, a formosa Medina que me embalou o primeiro somno.

*
* *

Num saudoso dia de abril de 1878, despedi-me dos meus parentes, amigos e da minha querida patria, como para nunca mais a ella voltar. Conta, justamente, essa separação 33 annos.

Da dor que meu coração sentia nesse momento de saudosa separação, não me é possivel dar a explicação.

Deixando eu a terra dos meus amores, parti para o «Mar Vermelho», onde me embarquei em procura de alguma cidade do «Mar de Arabia», em que podesse viver com mais facilidade. Navegando muito pela costa da Arabia, cheguei, por fim, em Mascate, onde estive uns 15 dias, que para mim foram os peiores da minha vida. Era eu um expatriado, atirado pela necessidade atroz ás plagas alheias. Dahi eu me vi obrigado a tomar o «Golfo de Oman,» passar o «Estreito de Ormuz» e navegar no «Golfo Persico», com destino o Teheran, capital da Persia, onde cheguei no fim de março do mesmo anno. Na Persia, païs visinho ao meu, demorei-me quasi um anno, mas sentia a sorte me dizer que o meu destino era outro.

Por esse motivo deixei Teheran, passando ainda pelas seguintes cidades asiaticas— «Damasco», onde tomei uma estrada de ferro para «Beyrut,» transpondo o «Libano;» «Alepo,» «Smirna» e, finalmente, «Scutari,» sobre o «Bosphoro,» ligada á Constantinopla por uma ponte, para a qual e me dirigi. Abandonei «Constantinopla» em breves

dias e dirigi-me pelo «Mar Egêo» e «Mediterraneo» para «Triestre,» bellissima cidade da «Austria Ungria» e primeiro porto não só do païs, mas tambem do «Mar Adriatico».

Antes de lá chegar, toquei ainda nos païses seguintes— Grecia, Turquia Europeia, Monte Negro e, finalmente, Austria Ungria.

Admirei «Triestre», os seus bellos edificios, o seu magnifico porto, a sua linda situação e, emfim, tudo me encantou.

(Continua)

Mahon.

14 de Julho de 1789

São deccorridos já cento vinte e dois annos da época em que o castello da Bastilha foi tomado e arrasado pelo povo Pariziense e ainda hoje é festejada essa data com igual pompa das primeiras do glorioso anniversario.

Para nós, brazileiros, esse acto sómente era admirado como nascido do heroismo francez e mais nada, si não fosse um dia consagrado á libertação dos povos, em geral, e si não fossemos tambem verdadeiros descendentes da raça celtica —os heroicos posteriores dos Cezares.

Em França, pelo contrario, é uma dupla commemoração, todo o francez sente um verdadeiro abalo no coração, sente o sangue ferver-lhe nas veias, de verdadeiro patriota, elevando o pensamento ao tumulo d'aquelles que pereceram victima desse heroismo, quando a trombeta maviosa annuncia a alvorada de 14 de julho de 1789.

Esse acto ha muito que era o assumpto de uma verdadeira preocupação para o espirito francez, como nos provam os escriptos de Rosseau e muitos outros, mas não passava de um simples projecto e cada vez mais o abutre dilacerava as entranhas do paiz fazendo gemer sob o peso de uma monarchia despotica e legar actos de eterna vergonha para os francezes, na posteridade. O castello da Bastilha, destinado a encerrar as victimas do poder real, era o monstro de ignomias, filho da organização politica daquelles tempos e da poderosa aristrocacia franceza, para a qual, as outras nações colligadas lançavam olhares odiosos e d'uma permeditada vingança. Emfim chegou o dia tão desejado para França, a Europa e o resto do mundo; o

heroismo supplantou todas as difficuldades e a quéda da Bastilha limpou a mancha que caracterisava aquelles tempos do feudalismo para apparecer mais tarde nos terriveis dias da Convenção.

Sobre a tomada da Bastilha e os seus acontecimentos podiamos dizer mais alguma cousa, se permittisse a competencia de quem escreveu esta breve noticia. Se damos aqui uma fraca ideia sobre essa gloriosa dacta é somente para não passar esquecida da nossa memoria e glorificarmos com ella as paginas da joven revista.

Th.—13—7—11.

M. B.

A camanbeira

La naquelle campo esmeraldino perto da casa onde eu nasci, existia uma camanbeira, cujos leques se moviam levemente com o subtil passar da brisa.

Quantas saudades tenho ao recordar-me della!

Era lá que eu ia á tardezinha ver o sol tombar no occaso cingindo o horisonte de rubra côr; era lá que eu ia tempre escutar o canto mavioso dos passaros!

Quanto eu era feliz nesse tnmpo pitoso!

Tenho saudades de ti, ó camanbeira frondosa, minha companheira de infancia!

Daqui de longe mesmo, envio-te um adeus nas azas da brisa e murmuro a ti palavras de carinhos e amisade!

Ah! se eu te visse hoje como te vi outr'ora, ouvindo cantar nostalgicamente nas tuas folhas o mavioso chico-preto!

Eu te admiro ainda, ó minha companheira de infancia, porque era na tua sombra que eu brincava no tempo de creança.

Junto a ti, eu apreciava o manso correr do rio de aguas tão chrystallinas com lençol de noiva!

Junto a ti eu apreciava o caminho de Sant'Iago e levava pasmado horas inteiras, vendo as estrellas luzirem no espaço!

Junto a ti, eu me considerava feliz e me julgava digno de naquelles momentos infantis, subir ao espaço, fitar a lua e as estrellas e emfim visitar o Olympo!

Quanto é sublime a innocencia!

Perdôa-me se algum dia te maltratei; perdôa-me se algum dia chegando zangado de casa, te atirei pedras ou te bati com força, que eu cá, de longe mesmo, te envio uma saudade!

Jota Têéf.

UM EMULO DE JOÃO DOS ANZÓES

Não sei se foi por uma volta da natureza que o Pancracio veio ter-se aqui.

Pancracio era um rapazote de apparencias bem singulares.

Tomou conhecimento com os principaes moços desta capital. Andava sempre na troça e se lisongiava quando o chamavam «troista.»

* * *

Tempos iam e tempos vinham e o Pancracio sempre a perambular em companhia de mais tres ou quatro moços. Pancracio não só troçava como tambem servia de assumpto para troça. Metteram-lhe na cabeça que uma certa mocinha gostava delle. Foi uma temporada de loucuras para o pobre rapaz.

«Segurava» um poste que havia em uma certa esquina perto da residencia de sua dulcinéa; passava dez, vinte vezes pela porta da «pequena.»

A moça innocente no «negocio», retribuia-lhe os cumprimentos.

* * *

Certo dia appareceu, tristonho para ellá.

Úa amiga da moça segredou-lhe tudo quanto havia presenciado. A mocinha foi furiosa para a janella e quando Pancracio passou e cumprimentou-a, ella retribuio o seu cumprimento, feixando-lhe a janella á cara.

Mas dominava-o uma paixão sem macula; o que ella dissesse e fizesse nunca o mancharia.

Não se contentava em contar a seus amigos as suas desventuras.

Queria sustentar suas paixões pelas columnas de um jornalzinho que havia naquella epoca. Escrevia artigos apaixonados, plagiava-os nos momentos em que o fogo da paixão abrazava-lhe o peito. Como os seus primeiros escriptos não dessem resultados saptisfactorios, fez um artigo endereçado a moça no qual escondia-se sob o pseudonymo de—Maria.

O redactor do jornalzinho oppoz-se a publicação, e não se opporia se o assignasse com seu proprio nome.

Como não saptisfizesse a exi-

gencia o artigo não teve a luz da publicidade. Deixou a vida de «jornalista.» Vivia, então, no exilio. Frequentava somente as festas religiosas, mui raramente, e poucas vezes o Cinema.

Um dia de carnaval houve uma batalha de flores no theatro, havendo, na occasião, funcção do Cinema.

Dentre as fitas, exhibia-se a do João dos Anzóes. João dos Anzóes, como sabem, era um «coió», tal qual o Pancracio. A ultima acção de dos Anzóes foi fazer uma serenata com pancadaria de bombo, para melhor prender a attenção.

Pancracio imitou-a tambem, utilizando-se, não sei de que instrumento em vez do bombo.

Fizeram uma troça delle quando souberam da serenata, que teve o exito dos artigos.

Desde esse dia o Pancracio ficou baptisado, sem ir novamente a pia, por João dos Anzóes.

Como não podia dominar a sua paixão quando via os olhos azues da pequena, o Pancracio julgou resolver a crise—desapparecendo daqui para não sei aonde.

Gualberto.

ESTATUTOS
DO
GREMIO LITERARIO
"EUCLIDES DA CUNHA"

DO GREMIO E SEUS FINS

Como moços, amigos do progresso e do futuro de nosso País, animados pelo amor às letras brasileiras, tão impulsionadas pelos nossos mais eminentes escriptores, formámos um Gremio Literario, denominado «Euclides da Cunha», nome do celebre e pranteado auctor dos *Sertões*.

Essa nova sociedade tem dois fins:

Dedicação assidua ao estudo da nossa lingua e escola de oratoria, onde procuramos obter a pratica da tribuna literaria, para o futuro progressivo de nosso País e, portanto,, para o nosso bem, como parte componente da grande mocidade brasileira, essa força que em si contem todo o calor e enthusiasmo da vida humana, dispondo de pleno gôso da potente lucidez intertropical.

CAPITULO I
DOS SOCIOS

Art. I. São assim classificados os socios do Gremio:

a) *Fundadores*, os doze primeiros que constituiram a sociedade, ficando assim isentos da joia, e contribuem, apenas, com a mensalidade de 2$000;

b) *Contribuintes*. os socios admitidos apòs os doze primeiros, pagando, além da mensalidade de 2$000, a joia de igual quantia;

c) *Benemeritos*. os que, além da joia e mensalidade, fizerem doação ao Gremio da quantia, em dinheiro, de 10$000, ou superior a esta.

Art. 2.º O Gremio terà o numero limitado de socios, fixado em sessenta, inclusive os fundadores.

Art. 3.º Os socios deverão concorrer, na medida de suas forças, para promover o desenvolvimenfo do Gremio.

CAPITULO II

DA DIRECTORIA

Art. 4.º Para dirigir o Gremio serão eleitos um Presidente e um Vice-presidente, que escolherão seus auxiliares, sendo estes: 1.º Secretario, 2.º dito e Thesoureiro.

Art. 5.º O mandato de cada Directoria durarà 3 mêses, podendo ser reeleito os dois primeiros membros para o periodo seguinte.

Art. 6.º Compete à Directoria:

a) Dirigir e administrar o Gremio;

b) Empregar todos os meios precizos para encaminhar o Gremio aos fins a que elle se destina;

c) Designar d'entre os socios do Gremio aquelles que deverão, temporariamente, substituir qualquer membro da Directoria em seus impedimentos, ou até nova eleição;

d) Julgar os balancetes mensaes do Thesoureiro;

e) Rever as materias que devem ser publicadas no orgam da sociedade, si vêm ou não em linguagem comedida.

Art. 7.º Compete ao Presidente:

Presidir e dirigir as reuniões dos socios;

b) Convocar as reuniões *magnas e extraordinarias*;

c) Rubricar os livros officiaes do Gremio ou autorizar a sua rubrica;

d) Dar execução a todas as resoluções e despezas votadas ou autorizadas pela Directoria;

e) Deliberar sobre qnalquer assumpto urgente e imprevisto, communicando á Directoria quando em sessão,—como insubordinação dos socios, etc;

f) Apresentar um relatorio no fim do seu mandato, sobre os trabalhos e negocios do Gremio;

g) Convocar as reuniões da Directoria, quando julgar conveniente.

Art. 8.º Compete ao Vice-presidente:

a) Substituir o Presidente em seus impedimentos.

Art. 9.º Compete ao 1.º Secretario:

a) Secundar ao Presidente em todo o trabalho de administração do Gremio;

b) Dirigir a correspondencia do Gremio de conformidede com o Presidente;

c) Auxiliar ao Presidente na confecção do relatorio de que fala a letra *f* do art. 7.º;

Art. 10.º Compete ao 2.º Secretario:

a) substituir ao 1.º em seus impedimentos;

b) Fazer chamadas dos socios nas reuniões;

c) Arrolar em livro especial, com toda a clarêza e valores respectivos, todos os bens da associação, excepção feita de dinheiro arrecadado, que ficarà a cargo do Thesoureiro.

Art. 11.º Compete ao Thesoureiro:

a) Ter sob sua guarda e responsabilidade todos os bens da associação;

b) escripturar todo o movimeuto financeiro a seu cargo;

c) Receber dos socios as mensalidades e joias, entregando um recibo com a sua assignatura e a do Presidente;

d) Fazer as despezas de accordo com a autorização do Presidente;

e) Apresentar, mensalmente, um balancête dos bens da associação, pecuniarios ou não;

f) Conservar em dia a escripturação do movimento de receitas e despezas, de modo a fornecer, immediatamente, quaesquer informações à Directoria

CAPITULO III

DO REGIMEN IMTERNO

Era este, ao ver da commissão, um capitulo desnecessario.

Entre moços, que trabalham por uma mesma causa, seria natural que não houvesse alteração na ordem interna; porem, como os espiritos mal intencionados invadem todos os recintos, era mister que alinhassemos algumas penas a que incorreriam os insubordinados. Praza a Deus que a ordem entre nòs não seja, jamais, alterada, legando as desposições dos estatutos.

Art. 12.º São estas as penas a que estão sujeitos os socios; po. acaso insolentes:

a) O socio que desacatar um companheiro, em a séde do Gremio, phisica ou moralmente, proferindo neste caso palavras aggravantes, serà, primeiramente, reprehendido perante a Directoria, e chamando à harmonia com o seu adversario; serà então reprehendido perante os socios; si, pela terceira vez, ainda o fizer, serà expurgado como elemento malicioso e indigno de fazer parte de uma reunião de moços que trabalham pelo seu engrandecimento;

b) O socio que violar os estatutos, incorrerá nas penas da letra precedente, respectivamente;

c) Outras penas serão administradas pela Directoria, de conformidade com o occorrido.

CAPITULO IV

DO PAGAMENTO

Art, 13.º As joias serão pagas na occasião em que o socio proposto for admittido, e as mensalidades atè o dia 15 de cada mês, ao Thesoureiro.

Art. 14.º Os socios receberão do Thesoureiro, com assignaturas deste e do Presidente, um recibo.

Art. 15.º O Thesoureiro, em beneficio da sociedade, deve envidar todos os esforços a fim de que sejam pagas, regularmente, as mensalidades.

CAPITULO V

DAS ELEIÇÕES E VOTAÇÕES

Art. 16.º Os cargos da Directoria (Presidente e Vice-presidente) serão providos por eleição directa, em escrutinio secreto, sendo aclamados eleitos pelo Presidente os que tiverem maioria de votos.

CONDIÇÕES:

a) No caso de empate, proceder-se-á a sorte;

b) Quando eleito para os dois cargos; igualmente, optarà por um delles;

As eleições para os cargos supra, são feitas separadamente;

d) A apuração destas eleições será feita no mesmo dia perante toda a Directoria;

e) E' vedado aos socios a assistir à apuração das mesmas;

f) As eleições serão feitas no primeiro domingo depois do dia 16 do seguudo mês de mandato de cada Directoria;

g) Cada Presidente eleito, no dia de sua posse, lerà o seu programma perante os socios presentes;

g) Os socios atrasados em suas mensalidades por mais de 2 mêses, não poderão occupar cargo algum na Directoria, tendo, porèm, o direito de votar;

No dia da eleição serão entregues a todos os socios duas chapas, uma para Presidente e outra para Vice.

CAPITULO VI

DAS REUNIÕES DOS SOCIOS

Art. 17.º São assim classificadas as reuniões—*magnas*, para posse de cada Directoria eleita;

Ordinarias, para sessões semanaes do Gremio, feitas aos domingos: nas horas designadas pelo Presidente, as quaes se destinam aos verdadeiros fins da sociedade;

Extraordinarias, para commemoração de um acontecimento notavel.

§ Unico. Em toda a sessão serão escolhidos, dentro os socios, pelo Pre-

sidente, 3 membros, que deverão occupar a tribuna, tomando por thema qualquer ponto da literatura, que melhor lhes convier. O Presidente fallarà, pelo menos, uma vês por mês.

Sendo escolhidos os très socios, ou mais, pelo Presidente, nenhum poderà regeitar a tribuna.

CAPITULO VII

DO ORGAM DE PUBLICIDADE

Art. 18.º Para a publicação de tudo que diz respeito ao Gremio, a associação possuirá sempre uma revista cujo nome escolhido é A LETRA, redigida pela Directoria, ficando, pois, responsabilisada por erros, etc, que por acaso cometer.

Art. 19.º Essa revista serà publicada mensalmente, sendo distribuida gratuitamente entre os socios, e vendida por assignatura ou numero avulso a particulares.

Azt. 20.º Nenhum socio poderà, pelas columnas da mesma, satisfazer paixões de vaidades mundanas, como declarações de amores, etc.

CAPITULO VIII

DA BIBLIOTHECA

Art. 21.º O Cremio possuirà uma bibliotheca que se comporà de obras literarias, historicas, philosophicas ou algum tratado da lingua portuguêsa, as quaes serão adqueridas ou por offertas dos socios e pessoas amigas do Gremio, ou por compra propria da sociedade.

Art. 22.º Nenhum livro serà retirado da bibliotheca sem ser pelos socios, sendo registrado o titulo do livro, o nome do socio e a data da sahida do volume, em livro competente.

Art. 23.º O praso maximo, que um socio pode ter em seu poder qualquer obra, serà de 30 dias.

Art. 24.º Caso seja dissolvida a sociedade, aos socios que offertarem as obras a essa corporação serão entregues as mesmas, pelo que os seus nomes ficarão escriptos e archivados na sede do Gremio, na occasião de doarem o volume.

CAPITULO IX

Art. 25. Estes estatutos poderão ser reformados quando a maioria dos socios reclamar.

CAPITULO X

DISPOSIÇÃO FINAL

Art. 26.º Caso seja dessolvida a sociedade, os moveis e fundo que existirem serão offertados à Santa Casa de Misericordia desse Estado.

Lista dos socios:

José Messias Cavalcanti
Pedro Rodrigues da Cunha
José Teixeira Filho
Amandino Ferreira de Carvalho
Affonso de Moura Cunha
João da Silva Martins
João Marques da Costa
José Soares
Pedro de Moura Ferro
Sebastião Clementino
Luiz Mendes R. Gonçalves
Bellino de Castro Dantas
Constantino de Moura Baptista
Leopoldo Cunha
Manoel Botelho
José de Castello Branco
Raymundo Sampaio
João Matta de O. Roma
Nilo Pires de Sampaio
Antonio Rubim
Christovam Veras
Pedro da Rocha Braga
José Alcides de Carvalho
Emanoel Couto
Pedro Silva
Simplicio Rezende
Olavo Burlamaqui